



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MEMÓRIAS DE UMA SENHORA TRAVESTI.

Rodrigo Márcio Santana dos Santos¹

Universidade Federal da Bahia,

rodrigo.marcio28@gmail.com

Resumo: Este artigo faz parte da minha pesquisa de pré-campo para a minha dissertação de mestrado. Após caminhadas etnográficas com mulheres/homens transexuais e travestis de idade e gerações distintas, conheço Bertha, uma senhora de 62 anos que (re) afirma a sua identidade travesti. Durante nossos encontros, falamos sobre a construção da subjetividade, relacionamentos, preconceitos, discriminação e suas vivências na cidade de Salvador-Ba, além disso, conversamos sobre seu envelhecimento e ser uma senhora travesti. Para tanto, o objetivo deste trabalho é pensar o envelhecimento de travesti através da revisão da literatura travesti/travestilidade entrelaçar a narrativa da colaboradora, pensando sobre corpos e experiências que transgredem as normas de gênero e geração para além da esperada. A idéia é a partir desta história possamos refletir sobre a produção acadêmica e vivências de velhice para discutir e partilhar as outras experiências. Por fim, é imprescindível produzir novos conhecimentos sobre travesti a partir de uma perspectiva crítica sobre as intersecções de gênero, sexualidade e geração.

Palavras-Chaves: Envelhecimento, Travestilidade, História de Vida e Geração.

Introdução

De acordo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população brasileira manteve crescente para o envelhecimento. No ano de 2017 no Brasil foram registrados mais de trinta milhões de idosos em domicílios continua, sem

considerar as moradoras/es em situação de rua ou que não conseguiram ser registradas na pesquisa². Ainda nesta pesquisa aponta dados bastante interessante para pensar a população idosa a partir dos marcadores de raça e gênero onde 1.8% da população idosa é mulher, sendo 0.3% homens em relação a

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista CAPES.

² Informações retiradas da página do Notícias do IBGE. Endereço eletrônico <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas de Gênero

cor os pretos 8,6%, pardos 46,8% e os que afirmaram brancos são 43,6%.

A professora Alda Motta Britto tensiona o uso dos marcadores sociais para pensar a velhice a partir da classe e gênero em suas pesquisas. Para este trabalho proponho pensarmos naquelas mulheres que comumente não tem a sua identidade de gênero reconhecida e legitimada lutam todos os dias pela sua existência e sobrevivência que sobreviveram a transfobia e ao feminicídio as mulheres travestis e transexuais³. De acordo a Prof.Dr^a Alda Motta (1999) gênero e geração, como dimensões fundamentais da vida social, correspondem a categorias básicas – e mutuamente articuladas – de análise das relações sociais que são gendradas a partir das correlações e dinamismo da interface entre os marcadores. Essas categorias básicas classe, de sexo/gênero, de idade/geração e de raça/etnia, com a formação de subjetividade influenciará na experiência de vida do sujeito.

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) ratifica discriminação e violência que acometem o

³ Utilizarei a terminologia trans para referir-se as mulheres que autodenominam transexuais ou travestis, essas categorias envolvem questões de geracionalidade e poder. Comumente as mulheres

cotidiano das pessoas transgêneros no Brasil no relatório de Mapas de Assassinatos de Travestis e Transexuais do ano de 2017, foi registrado subnotificação desses dados, ocorreram 179 Assassinatos de pessoas Trans, sendo 169 Travestis e Mulheres Transexuais e dez Homens Trans. Estima-se que a cada 48 horas uma pessoa Trans é assassinada no Brasil e que a idade média das vítimas dos assassinatos é de 27,7 anos. Ainda de acordo Mapa de Assassinatos produzido pela ANTRA (2018, p.15) afirma que:

As travestis e transexuais femininas constituem um grupo de alta vulnerabilidade à morte violenta e prematura no Brasil. Apesar de não haver estudos sistemáticos sobre a expectativa de vida das travestis e transexuais femininas, Antunes (2013) afirma que a expectativa de vida desta população seja de 35 anos de idade, enquanto a da população brasileira em geral, é de 74,9 anos (IBGE 2013).

O mapa aponta que 67,9% das vítimas tinham entre 16 e 29 anos, caindo para 23% aquelas entre 30 e 39 anos, 7,3% entre 40 e 49 anos, e para 1,8% acima dos 50 anos, o

trans com mais de 60 anos identificam com a categoria travesti, por outro lado a juventude identifica-se com a transexualidade termo cunhado pela medicina.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

que ressalta os índices mais altos de assassinato da população Trans, está diretamente relacionado as questões etárias (ANTRA,2018). Os dados abalizam que há relação entre geração e crimes transfóbicos e como influencia para o envelhecimento da população trans. O envelhecer para as mulheres trans se tornam uma proteção porque elas passam “batidas” A cada geração é construído uma nova pulsação da vida social, o fazer-se estrutural de uma dimensão da vida social entretecida no afeto e nas relações de poder em paralelo as dinâmicas das relações de gênero, raça e classe (Motta,2010).

Historicamente a sociedade utilizou da idade e o sexo/gênero – como critérios fundamentais de organização e integração social, sobretudo na participação divisão do trabalho, de tal modo que desenvolveu formas organizativas das dinâmicas sociais bem como discriminação, marginalização ou exclusão igualmente baseadas na idade – assim como em critérios relativos ao gênero.

Apenas o preconceito/discriminação contra a idade se apresenta de forma menos perceptível, mais sutil que o sexismo, porque mais naturalizado pela evidência dos registros da passagem do tempo nos corpos. E os corpos são de várias idades, em suas diferentes transformações e

possibilidades, individuais e sociais (Motta,2010).

Na vida vivida, se somos sempre pessoas de um determinado sexo/gênero, raça/etnia e classe social, mudamos de idade – processo biossocial – e de expectativas sobre ela, a cada ano, ao mesmo tempo em que o nosso grupo etário vai assumindo posições geracionais diversas enquanto coorte geracional – embora não necessariamente enquanto geração social no sentido estrutural definido por Karl Mannheim (1928). O jogo de poder entre as gerações se desloca e se reinstala continuamente, causando a impressão de ausência de capacidade estruturante do social... Mas que escasso poder estruturante é esse, que atrai tantas regulações – legais, tanto quanto informais, consuetudinárias e ideológicas – e promove, documenta e narra a memória social, além de motivar, no processo da sua própria sucessão, muito do dinamismo social. Como o objeto de subordinação etária ou geracional muda no tempo – tanto no sentido cíclico da vida ou trajetória dos indivíduos como no percurso histórico das sociedades –, isso torna pouco visíveis os mecanismos de dominação e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

subordinação social, assim como as formas de luta do segmento que procura libertar-se, porque ele é “individualmente” – enquanto pessoas e enquanto grupo etário – móvel. Ao mesmo tempo “mudando de lugar” parece, então, escapar aos mecanismos e propósitos da dominação capitalista – que hoje, muito consensualmente, situa-se em torno de três “eixos” teóricos: gênero, raça e classe social. Mas o modelo estrutural do conflito entre gerações e grupos de idade, ainda que teoricamente assim invisibilizado, realiza-se e persiste em seus efeitos, até mesmo em interseção com os já citados “eixos” – ou dimensões de atuação e de análise (Motta, 2010. p.02)

Ao pensar sobre a travesti idosa e o seu envelhecer é imprescindível acompanhá-las nas suas, memórias alegrias, tristezas, ditadura, prazeres, transfobias e elementos que as constituíram como sujeito político e identitário que carrega no seu corpo e suas marcas a sua trajetória de vida. Para tanto, considero produtiva a abordagem dessa temática, tendo o sofrimento social como conceito analítico utilizado nessa investigação para refletir sobre os sujeitos que transgridem a normativa do gênero a fim de vivenciar o seu verdadeiro sujeito (desejo) nas diferentes

gerações. Além disso, possamos pensar em outras experiências de velhices e gêneros vivenciados em outros corpos, precisamos pensar na apenas como se fosse da cisheterossexualidade o envelhecimento (ou talvez seja) e aprender um pouco mais através da memória, fazendo-as dialogar e compartilhar suas experiências, na trama do texto da vida. Por fim, compartilho com Antunes (2011) o interesse em estudar travestis idosas por ser uma classe que sofre exclusão em qualquer faixa etária e pelos questionamentos e imaginários do envelhecer travesti. Este trabalho é fruto da minha pesquisa de pré-campo para a dissertação, a cada ida ao campo surgia novos sujeitos, histórias e ciências para nos fazer (re)aprender. Pensar na velhice travesti é colocar no centro uma história de vida da margem.

Metodologia

A arte de pesquisar requer do pesquisador a delicadeza para compreender a dinâmica daquilo que interessa e olhar para o campo e compreender as dinâmicas das vivências a partir da realidade, logo compreendi que inicialmente partiria da etnografia para compreender os aspectos que desejava pesquisar. Oliveira (1996) argumenta que a visão é onde captamos as sensações e sentidos que os olhos pudessem enxergar o que nos interessa, mas sobretudo enxergar



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

aquilo que escapava do meu olhar que percebi que a categoria velhice não caberia para ao novo problema de pesquisa, o que eu queria pesquisar.. O ouvir e olhar na pesquisa estão amalgamados. É preciso estar atento no campo e, olhar/capturar a materialidade e diversidades dos seus corpos, as suas queixas, seus ideais de feminino e as intervenções desejadas e realizadas para a construção do seu feminino, o que me leva a um questionamento: “afinal quem era trans idosa?

Os dados obtidos neste trabalho fazem parte do meu pré-campo para a pesquisa do mestrado na imersão de conhecer mulheres trans acima de 60 anos e que pudessem partilhar um pouco da história da vida delas comigo das suas experiências com este feminino deslocado do corpo binário e rompendo o gênero. Como irei trabalhar indiretamente/diretamente com os sentimentos e emoções através das histórias narradas é importante que tais acúmenes sejam levados em consideração juntamente com o comportamento da colaboradora e que seja notada de acordo com a sua narrativa. Entendo que falar de temáticas que fazem parte da construção da nossa subjetividade e nos constituem enquanto pessoa, além das violências sofridas a partir das identidades não hegemônicas, faz informações não serem ditas

ou rememoradas. Vale salientar, que na maioria das vezes lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar as experiências vividas, de modo que possa analisar os acontecimentos vividos e as transformações que vivenciou e vem vivenciando ao longo do tempo (CHIZZOTI,2000). Utilizo a história de vida como método pois propõe narração sem uma organização cronológica permitindo o entrelaçamento da história as idas e vindas a uma comunicação articulada mais ou menos livre. Esta comunicação mais livre permite analisar a percepção da colaboradora com os marcadores sociais como raça, racismo, gênero ao longo da sua vida (BORN,2001).

Nesse aspecto podemos perceber que cada história representa (re) significação singular do universo social e histórico que que vivenciado nas relações por isso mesmo pode-se conhecer o contexto social partindo da especificidade irreduzível de uma prática individual. Esta perspectiva diverge daquela em que o contexto social aparece como imutável que sua única utilidade é explicar a biografia, sem considerar a implicação do sujeito sobre o social. De acordo Pereira (1999), a história de vida é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

um narrador-sujeito e de um intérprete que indaga sobre a sua narrativa e de modo a relembrar ou repetir sobre alguma preposição diversas vezes dessemelhante de outras histórias orais biográficas tem pouca inferência do pesquisador.

A colaboradora em questão que irei chamar de Bertha⁴ tem 62 anos, residente na periferia de Salvador-BA, nos conhecemos através de uma amiga em comum. Os encontros com Bertha aconteceu alguns previamente agendado ou acaso nos espaços de militância, o objetivo era que ela participasse da pesquisa bem como apresentar outras mulheres trans idosas que pudessem futuramente participar do meu trabalho. Estas falas são registros do diário de campo de alguns encontros na casa dela e espaços de militância.

No primeiro encontro ela já sabia que ela já esperava por mim e fui bem receptiva ao encontro e proposta e ressaltou a importância de falar das travestis velhas. Trago a tona de maneira introdutória do primeiro encontro e vinculação com Bertha *“Foi um dia de domingo (Natal) que eu, e minha amiga e sua namorada (namorada Bertha reside numa comunidade periférica do município de Salvador -Ba com sua filha e neto. Para o encontro já que era Natal*

levei Panettonne e um rosca doce para tomarmos um café. Encontramos a Bertha num bar propriedade de Cláudia outra travesti senhora negra de 61 anos que estava no local, mas não interagiu muito pois tinha voltado do hospital, interagiu, mas sempre reservada. O bar encontrava-se jovens negros, jovens negros afeminados, pessoa trans em fase de transição, algumas mulheres e senhoras e a presença de mais uma travesti negra que tinha entorno de 40 anos de acordo Bertha”.

Durante o diálogo que nesse momento estavam todas mais confortáveis e acolhedoras para o diálogo destituído dos lugares tradicionalmente instituído pela ciência tradicional e que a ciência feminista vem mudando de paradigma o lugar de sujeito e objeto. Bertha começa a trazer a tona as suas memórias *“quando era jovem e prostitua, meu corpo era desejado e pagavam por ele, atualmente num tom de queixa e saudosismo ela fala ter que pagar para chupar um boy ou se quiser alguém para “comer o meu cuzinho” (sic).*

Ao que cerne a beleza Bertha dizia que já era uma mulher velha não ligava mais para nada. A autora Valeska Zanello (2015) aponta o sofrimento psíquico das mulheres

⁴ Nome fictício para participar a identidade da participante.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cis sofrem pelas normativas de gênero pelo estereótipo da mulher para serem reconhecidas e legitimadas como tal, a partir dessa premissa as trans e travestis modelam o seu corpo para se tornar “a mulher” ou serem reconhecidas como mulher. A mulher cis que corresponde a expectativa da norma binária sexo/gênero são exigidas, as travestis tornaram mulheres, influenciada pelo processo de transfobia, medo da descoberta e transformação.

As mulheres transexuais e travestis investem em seus corpos para a ressignificar o corpo com o seu gênero, reproduz o ideal de beleza do padrão normativo a partir do ideal de padrão de beleza das mulheres cis para ser bonita ou será menos mulher. Contudo essa beleza para mulheres trans carregam duas vertentes: ser reconhecida como uma mulher bonita respondendo ao padrão social esperado e a beleza significa passabilidade a legitimação da mulheridade.

A beleza é o elemento constitutivo para as mulheres pois a indústria e o capitalismo impulsionam ao padrão e o seu ideal a tal modo, aquela que não se encontra dentro dele é julgada e considerada inferior, “menos mulher”: “Ela pode ser bonita, deve ser bonita, do contrário não será uma totalmente mulher” (ZANELLO,2015).Os ideais de beleza lipofóbicos

(aversão a gordura) vivenciados pelas mulheres tem uma modelo de poder repressivo/normativo para outro constitutivo: “a eficácia das práticas disciplinares é maior quando não são vividas como demandas externas ao sujeito, mas como comportamentos auto-gerados e auto-regulados os padrões são internalizados.

A busca pelo padrão de beleza é sofrimento para as mulheres cis e trans a sua sexualidade são colocadas de lugares distintos e sofrimentos, ambas são colocadas na condição de objeto pelo seu parceiro/companheiro/cliente o corpo delas está para satisfaze-los de todas as formas sem levar o desejo da mesma, contudo as mulheres trans são empurradas para relações amorosos vivenciados apenas no âmbito privado bem como no anônimos ou marcadas pelo silenciamento e/ou invisibilidade. Por outro lado, o envelhecimento carrega em seu bojo as marcas do tempo e da fabilidade da estética da beleza e juventude, que na vida das travestis é sempre associada ao feminino, acaba por concretizar um desejo que é comum entre elas: “passar batida por mulher”. Na velhice, ocupando espaços sociais e profissionais distantes da prostituição na qual a grande maioria delas estão imersas, elas ganham o status de “senhora” e, com o tempo, as marcas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

do envelhecimento contribuem para a formação de uma feição de mulher idosa.

As mulheres trans são objetificadas duplamente por serem vistas como mulheres e inseridas no sistema de patriarcado na estrutura de poder que subjuga as mulheres disfarçado em sistema de “diferença natural” na esfera de âmbito público e privado políticos e serem reconhecidas como não mulheres sobretudo para aquelas que trabalham no mundo da prostituição usando o pênis como objeto de trabalho.

Comumente, é sabido que as travestis em sua grande maioria têm como profissão a prostituição, onde o uso do pênis entra como elemento para o trabalho, nas etnografias, Benedetti (2005), Kulick (2008), Pelúcio (2004) algumas informantes relatam que a relação do uso com pênis demarca o seu lugar de feminilidade a partir das suas relações afetivas/sexuais e o jogo constitutivo e construído entre o masculino e feminino que a mulher travesti rompe os parâmetros binários e cisnormativos e nesse jogo minha colaboradora traz o pênis para a conversa demarcando a velhice “*agora que tô velha a ereção não é mais a mesma tenho dificuldade em penetrar, cê num sabe, parei de me prostituir por causa disso.*” Penso que nos ambulatórios especializados a população trans atendem as

necessidades das mulheres trans idosas já que são demandas distintas das jovens, inclusive a forma de construção do corpo e representação, e o sistema de saúde cisheronormativo irá compreender os desejos e demandas da minha colaboradora por querer desempenhar um papel ativo sexualmente e ser uma mulher idosa?

Ainda durante o encontro trouxe críticas ao governo que não faz nada pelas travestis e sobretudo as idosas, comentou que das coisas boas ter contraído HTLV foi a possibilidade de encostar como beneficiária do INSS através do BPC (benefício de prestação continuada) contou que rezou muito quando foi realizar a perícia e o médico entendeu que a doença dela impedia de atividades laborais e a aposentou. A colaboradora disse que benefício foi uma benção pois nunca contribuiu com INSS e não sabia como iria ser sua velhice e que este dinheiro é uma segurança para quem nunca teve emprego registrado em carteira “*as vezes eu agradeço por ter pego essa doença*”.

A velhice para Bertha perpassa pela conformidade binária dos gêneros pela família nuclear (filha e neto) a mesma relata que tem relação com a filha complexa e difícil, pois não aceita que a mãe seja travesti, contudo ela reitera o lugar da avó e matriarca da família ao ser responsável pelo



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

neto é gerir financeiramente a casa bem como a sua filha ser dependente da pensão de Bertha. Alguns teóricos apontam que um dos caminhos para as travestis idosas é tornar-se madrinhas das travestis mais novas lugar na nossa cultura ocidental cristã brasileira exerce a função de paridade com a mãe bem como a avó que é chamada de segunda mãe, que corrobora o feminino dessas idosas como minha colaboradora repetia algumas vezes “eu sou avó”, para Antunes e Mercadante (1999), as travestis velhas,

“Orgulham-se de serem “mães” ou “madrinhas” das mais novas. Sua tarefa é a de iniciar, proteger e ensinar as mais novas a viverem como travestis. Dentre as funções que uma travesti mais velha (como se fosse mãe) desempenha em relação à mais nova (como se fosse filha), destacam-se as de ensinar técnicas corporais e potencializar atributos físicos”.

Por fim, acredito que temos muito aprender com elas que enfrentaram o preconceito, discriminação, estigmas, ditaduras para estarem vivas, que

sobreviveram as questões dos marcadores sociais sobre os seus corpos. O próprio Estatuto do Idoso as exclui dos direitos garantidos para a população de idosos heterossexuais e cis, imprescindível pensar em outras velhices para além da cisheteronormativa.

Referências

ANTRA. **Mapa dos assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Disponível em:

<<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. **Travestis, envelhecimento e velhice**. Revista Kairós Gerontologia Temática, 14(5), São Paulo, dezembro 2011: 109-132.

BENEDETTI, Marcos. **Tod Feita: O corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BORN, Claudia. **Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos**. Sociologias. 2001. p. 240-265.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, corpo e sexualidade em um espaço gênero e cultura no Brasil.** Rio de Janeiro, ambíguo. Revista antropológicas, Editora Fio Cruz, 2008. Recife/PE, v. 15, n. 01, p 123-154.

MOTTA, Alda Britto. **A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento.** Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010

_____, Alda Britto. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento.** Revista Pagu, cad.13, 1999.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos. Cultura e Processo de Subjetivações.** Ed. Appris, 2018.

_____, Valeska. **Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico:** Revista de Psicologia, v. 27, n. 3, p. 238-246, set.-dez. 2015. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v27n3/1984-0292-fractal-27-3-0238.pdf>

PELÚCIO, Larissa Maués. **Travestis, a (re)construção do feminino: gênero,**